

Ponto de Vista

ESPELHO, ESPELHO MEU ... EXISTE ALGUÉM MAIS PERFEITA DO QUE EU?

Sara Quenzer Matthiesen

Universidade Estadual Paulista

— “Escravo do espelho meu! Surge do espaço profundo e vem dizer; há no mundo mulher mais bela do que eu?” (Disney, 2001).

Quem nunca ouviu indagação similar, marco das freqüentes inquisições da perversa madrasta em uma das memoráveis fábulas infantis de Walt Disney?. Ainda que a imagem refletida no mais franco dos espelhos lhe certificasse que seus cabelos não eram “negros como a noite”, nem seus lábios “rubros como as romãs” ou sua face “tão alva”, em comparação aos dotes naturais da protagonista Branca de Neve, era dele - espelho - que rogava uma aprovação. Que sorte a dela! Afinal, o autor da saga *hollywoodiana* dos anos 30 se deteve apenas nas perfeições do rosto de Branca de Neve, deixando o restante do corpo aos desígnios da fúria da madrasta que, quer pelas mãos do fiel caçador Ulisses, quer por suas próprias, ansiava fazer jus à sua beleza.

Escrito em outros tempos, hoje o roteiro seria outro. Para o dissabor daqueles que se dão por satisfeitos com a imagem da então rival princesinha, o corpo de Branca de Neve não passaria despercebido ao longo do enredo. Assessorado pelos diferentes meios de comunicação, Walt Disney provavelmente a enquadraria no padrão de beleza hoje estabelecido: uma silhueta bem delineada, esguia e proporcionalmente distribuída entre os 90 centímetros de quadril e de seios. Conto de fadas? Não em nossos tempos, afinal não há nada em que hoje a medicina, auxiliada pela estética, não dê um jeito: uma aplicação de colágeno aqui, uma prótese de silicone ali, uma lipoaspiração acolá... quase pronta! Acrescentem-se os cílios e as unhas postiças; as lentes de contato coloridas e um aplique nos cabelos e... pronto! Se não me esqueci de nada, eis que surge a mais perfeita das mulheres!

Vítima de uma fábula escrita em outros tempos, ainda assim, a madrasta poderia ter se ocupado de subterfúgios mais dignos do que uma mera maçã envenenada, afinal, as cirurgias plásticas são velhas conhecidas das mulheres de meia-idade

que almejam burlar os sinais dos tempos. Hoje, provavelmente, ela agiria de outra forma, uma vez que seria quase impossível sair ileso do *bombardeio visual* proporcionado pelas capas de revistas, *top models*, entre outros modelos ambulantes veiculados pela televisão e conjuntos musicais, cujas medidas, curvas e formas são passíveis de intervenções cirúrgicas. Isso para não falarmos da sofisticação, embora mais acessível, de produtos mil que garantem eficiência e rapidez no processo de rejuvenescimento, de abolição de estrias e celulites, de maciez dos cabelos e da cor da pele, dentre outros desejos mais recônditos do freguês.

Em nossos tempos, talvez, a beleza e a perfeição estejam logo ali... na ponta de um bisturi. Nada mais propício do que o extemporâneo “Concurso de Misses” para embarcar numa discussão (talvez estéril) sobre o que é ou deixa de ser belo. De velho esquecido da imprensa em geral e sem o *glamour* de outrora, essa competição - de validade discutível - confirmou em sua última versão nacional, a indubitável constatação - aparentemente saudosista - de que já não se fazem “Concursos de Misses” como antigamente. Declaradamente cúmplice de artifícios que indignariam a mãe natureza e revoltariam usuários de anabolizantes, esse episódio certamente deixaria a madrasta de Branca de Neve atônita até se dar conta de que poderia, a exemplo da brasileira (artificialmente) mais bela atualmente, fazer tantas cirurgias quanto fosse preciso nesse processo de *adequação* ao belo: próteses de silicone nos seios; correção das orelhas de abano; aplicações de colágeno no maxilar, nas bochechas e nos lábios; lipoaspirações no abdômen e nas costas; remoções de pintas na face, no pescoço e onde mais surgirem (Mansur, Vieira & Pereira, 2001).

Ainda que pareça ser contra os avanços médicos e tecnológicos, a questão não é essa. Digo: o que está em pauta é o uso que se faz daquilo que se cria. No mínimo é curioso observar aqueles que fazem do corpo um invólucro capaz de ser aumentado, diminuído, bronzeado, esbranquiçado, mais torneado, menos reto, mesmo que para tanto

tenham que amputar alguma parte - como as costelas, por exemplo - para adequar-se a um padrão de corpo vulnerável e que, portanto, de estável não tem nada (Mansur et al, 2001). Submeter o corpo aos ditames de uma moda versátil, impondo-lhe uma camisa-de-força única e universal, tamanho “P”, não se importando com as reivindicações daqueles que são “GG”, no mínimo, é algo que nos instiga à reflexão.

Se hoje se tem o corpo que se *quer* ter ... ou melhor, que se *pode* comprar, que se defende, com o respaldo de um discurso próprio desta sociedade, que diz: “o bumbum é meu ... eu o comprei!” — mesmo que em suaves prestações —, algumas mulheres se esquecem daquilo que Cláudia Liz jamais esquecerá e preferem aderir a subterfúgios que não a realização do que deveria ser um hábito cotidiano de exercícios físicos regulares e não simplesmente uma promessa - leia-se “malhação” - de aquisição, a longo prazo, de um corpo perfeito. Talvez não percebam, mas, tanto quanto a madrasta de Branca de Neve, que pensava estar o escravo preso ao espelho, elas próprias são escravas que buscam adequar-se a um modelo de corpo preestabelecido e que faz com que mesmo após inúmeras cirurgias, elas continuem a suplicar por uma resposta: e agora, espelho meu...existe alguém mais *perfeita* do que eu?”

Referências

- Disney, W. Branca de neve e os sete anões. (2001). 1 filme (83 min.)
Mansur, A., Vieira, J. L. & Pereira, P.(2001) Aperfeiçoamento do belo. Época.151, 86-92.

Endereço:
Av. 24A n. 1515, Bela Vista
Rio Claro SP
13.506-900
E-mail: saraqm@rc.unesp.br

Manuscrito recebido em 03 de maio de 2002

Manuscrito aceito em 17 de junho de 2002